

AQUISIÇÃO DA GROENLÂNDIA PELOS EUA PODE LEVAR A ACORDO SOBRE ILHAS ÁRTICAS DO CANADÁ

A visão estratégica de Trump para o Ártico, na qual a aquisição da Groenlândia e a expansão militar para as ilhas canadenses servem ao projeto “Golden Dome”, possivelmente implantando armas ofensivas contra a Rússia e a China.

Andrew Korybko*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Trump apresentou sua desejada aquisição da [Groenlândia](#) como indispensável para seu megaprojeto de defesa antimíssil “Golden Dome” e insinuou o destacamento de novos sistemas de armas ofensivas também na região, em seu [post](#) anunciando tarifas [contra vários aliados da OTAN](#) que enviaram simbolicamente unidades militares para lá. Segundo relatos, ele agora usa uma linguagem semelhante em conversas privadas ao discutir o Canadá, de acordo com diversas fontes do governo, tanto atuais quanto antigas, que falaram recentemente à [NBC News](#).

Essas fontes afirmam que Trump não discutiu o estacionamento de tropas americanas ao longo da supostamente vulnerável fronteira norte do Canadá,

propondo, em vez disso, “*mais treinamento e operações militares conjuntas entre os EUA e o Canadá, e o aumento das patrulhas aéreas e marítimas conjuntas, bem como das patrulhas navais americanas no Ártico*”. Os objetivos ostensivamente defensivos que esses planos visariam, no entanto, ainda deixariam uma lacuna considerável no alcance de interceptação do “Golden Dome” no Ártico, entre o Alasca e a Groenlândia, sobre as ilhas árticas canadenses.

Portanto, não se pode descartar a possibilidade de que as propostas relatadas visem, em última análise, avançar seu objetivo de construir a infraestrutura do “Golden Dome” nessas ilhas para preencher essa lacuna. Sistemas de armas ofensivas também poderiam ser instalados ali, inclusive sob a cobertura de mísseis interceptores, exatamente como a Rússia há muito acusa os EUA de planejarem na Europa Central e Oriental, no que diz respeito aos seus planos de defesa antimíssil na Polônia e na Romênia, que foram, significativamente, a primeira fonte de tensões entre os dois países no século XXI.

A história pode estar se repetindo, como ominosamente sugerido pela falta de interesse de Trump em estender o Novo START antes de seu vencimento no início do próximo mês, muito menos em negociar um pacto atualizado de controle de armas estratégicas com a Rússia que inclua novos sistemas de armas ofensivas. Se os EUA deixarem o acordo expirar, isso pode ser devido a planos não declarados de implantar armas ofensivas no Ártico, seja no Alasca, na Groenlândia e/ou nas ilhas árticas do Canadá. Essas armas poderiam cobrir toda a Rússia e até mesmo atingir facilmente a China.

A propósito, a China é considerada pelos EUA como seu único rival estratégico, não a Rússia. De acordo com a “Doutrina Trump”, influenciada por Elbridge Colby, o papel da Rússia é relegado ao de parceiro júnior em uma ordem mundial revitalizada e liderada pelos EUA, na qual os EUA investiriam em seus depósitos de recursos para privar a China do acesso a eles e, assim, desacelerar sua trajetória rumo ao *status* de superpotência. Se as tensões com a Rússia diminuírem, os EUA esperariam que a Rússia não tentasse interceptar os mísseis americanos lançados do Ártico em direção à China em caso de guerra.

Independentemente de como as relações entre os Estados Unidos e a Rússia

evoluírem e do que a Rússia possa fazer no cenário acima, espera-se que os EUA busquem expandir sua esfera de influência militar sobre todo o domínio ártico da América do Norte, começando pela Groenlândia e terminando nas ilhas árticas canadenses. A aquisição da primeira pode levar a um acordo coagido por tarifas para a construção de infraestrutura militar na segunda, e possivelmente a projetos conjuntos de extração de recursos, que poderiam ser facilitados por prometidas isenções tarifárias.

O Canadá é incapaz de defender suas ilhas do Ártico, portanto elas estão à disposição dos EUA caso a situação se agrave, mas Trump não parece interessado em anexá-las, daí a provável escolha por um acordo coagido. Adquirir a Groenlândia permitiria a Trump argumentar que a expansão do “Golden Dome” para as ilhas canadenses do Ártico preencheria a lacuna entre a maior ilha do mundo e o Alasca. O Canadá poderia então chegar a um acordo relativamente justo, ser coagido a um pior devido às tarifas, ou ter as ilhas tomadas à força.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.
